

Tratamento reflete uma mudança cultural

“O crescimento do home care é reflexo de uma mudança de cultura da comunidade médica, do endosso de planos de saúde e dos pacientes, que já começam a abandonar a idéia de que tratamento tem que ser no hospital”, aponta Roberto Sacramento, sócio-diretor da empresa **Home Care**.

Inaugurada em Campinas, em 1999, a empresa tem filiais em Goiânia e Porto Alegre. Na cidade paulista, o faturamento da empresa é de R\$ 250 mil/mês. Porto Alegre e Goiânia somam cerca de R\$ 150 mil - “resultados proporcionais aos custos e à população”.

O custo do tratamento varia de acordo com a cidade, mas representa considerável economia, conforme Sacramento. Ele avalia que haja um aumento anual constante entre 20 e 40% no setor, mas destaca a falta de

regulamentação oficial. “Isso significa que o atendimento domiciliar ainda não é universalmente aceito. Os planos de saúde analisam caso a caso, pela falta de regras”.

A maioria dos atendimentos domiciliares é para casos crônicos, aplicação de medicamentos e doenças degenerativas.

Sacramento destaca que o home care não é só para a classe média alta e ricos. “Atendemos pacientes pouco privilegiados financeiramente. Se o cuidado que ele precisa é condizente com a moradia, então pode ser realizado. Os planos de saúde igualam as pessoas: pagam tanto para privilegiados quanto para os mais pobres”, afirma. “Depende da patologia, das condições de moradia e do suporte da família, pois a pessoa não pode ficar sozinha”.

Ari Bolonhezi aponta ainda

que o atendimento domiciliar é solução para pessoas que deixam de procurar ajuda médica: “aquele paciente que não gosta de ir ao hospital, não tem tempo ou não tem quem leve, e acaba não se tratando”.

Pesquisa recente do IBGE confirma que 5 milhões de pessoas informaram sentir necessidade de atendimento médico, mas não procuraram o serviço por vários motivos. O principal deles, alegado por 1,19 milhão de pessoas, foi a falta de dinheiro (23,8%). Outras razões estavam no atendimento demorado (18,1%) e no serviço distante (12,7%).

No que se refere à família, Fernandes, da Home Doctor,

destaca que o benefício do atendimento domiciliar é a proximidade e o ambiente mais agradável que o hospitalar. “Além disso, o paciente tem, em casa, relação mais íntima com o próprio tratamento”.

Entretanto, Bolonhezi alerta que há contra-indicações. “Se o paciente não está estável ou se ainda se encontra em processo de diagnóstico, tem que ficar no hospital”. O Núcleo estabelece com as empresas critérios de elegibilidade do paciente para o atendimento domiciliar. Isso envolve avaliação do quadro clínico, vontade do paciente e da família, e condições adequadas do domicílio.

(M.L.F.)